

PLANO DE NOTAS

Sobre como montar uma narrativa de chuva

LUGAR

CADEIRAS

ENCONTRO

Alexandre San Goes

Graduando em Ciências Sociais/UFBA

Priscila Erthal Risi

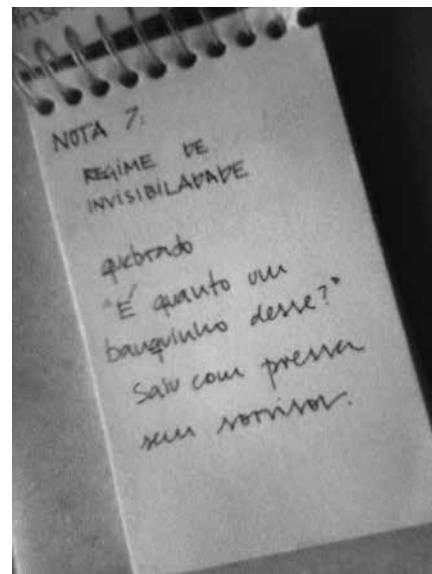
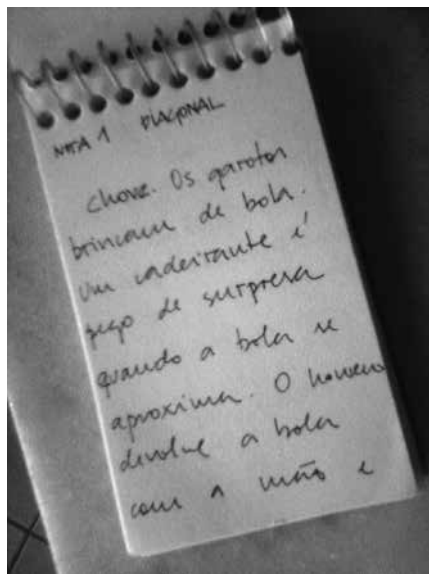
Arquiteta urbanista, mestranda PPG Arquitetura e Urbanismo/UFBA e membro do Laboratório Urbano

Para escrever um texto sobre uma experiência de narrar, e falar de como podemos nos sentir hóspedes de nossas próprias experiências – hóspedes de um acontecimento, nos lançamos a uma grande tarefa. A própria experiência de narração, acontecida na Oficina, trouxe para os participantes um imenso investimento no campo de debates acerca do que é narrar, e o que nesse processo de colagem de coisas e fatos, esperas e acasos, poderia incluir o outro; mesmo que através de mecanismos indefinidos. Assim, pudemos perceber que mesmo estando dentro, podemos ver de fora; e

que através dessa perspectiva estamos dentro e fora ao mesmo tempo – um modo de fala baixo.

No jogo de estar sempre dentro, vamos contar sobre nossa narrativa, a que criamos para desacomodar nossas relações, sensações, portas e janelas durante aqueles dias de Oficina e de campo. Em Salvador, naquele Campo da Pólvora, numa terça e quarta, de um 2013, de maio, de chuva, de águas e rastros.

Primeiro partimos do desejo de dar potência a uma escrita intensa, muitas notas, muitas palavras; garimpar aspectos preciosos de nossa experiência e lançar rastros de como funcionou, ou de problematizar nossa experimentação. Pensamos num roteiro, como aqueles de cinema, que manteria um aspecto um pouco descritivo do conteúdo de áudio e vídeo, mas que com sorte, conseguiríamos na hora da apresentação-narrativa uma combinação de palavras e imagens lançadas que instaurassem uma linguagem própria com suas formulações. Conseguimos nos ater durante a primeira meia hora (do tempo estipulado para se preparar as narrativas e suas apresentações) nessa ideia, a do roteiro. Mas, ao contrário de nossas expectativas, pouco conseguimos desenrolar nessa linguagem, e nosso momento debruçado sobre essa ideia, basicamente foi alternando sobressaltos (de preocupações quanto ao aspecto indócil do prazo para a atividade) e silêncios (uma sensação de potência abandonada). Dez da manhã. Mais uma vez, imagem da super-reflexividade triunfante nos impedia de avançar. A resolução era simples. Voltemos ao campo de práticas.



Bloco de Notas
Autoria: Alexandre Goes.

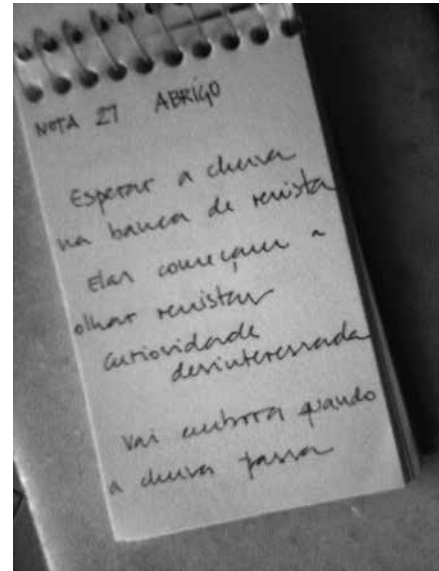
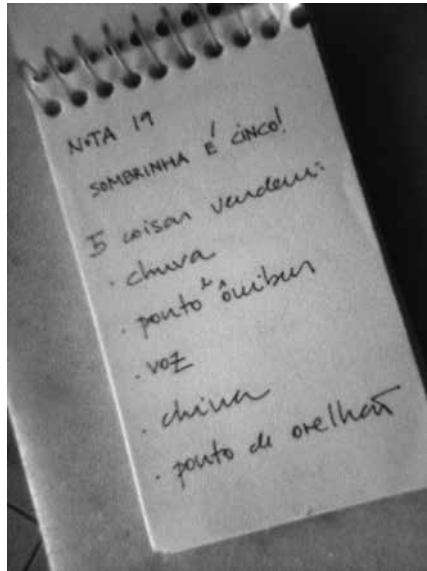
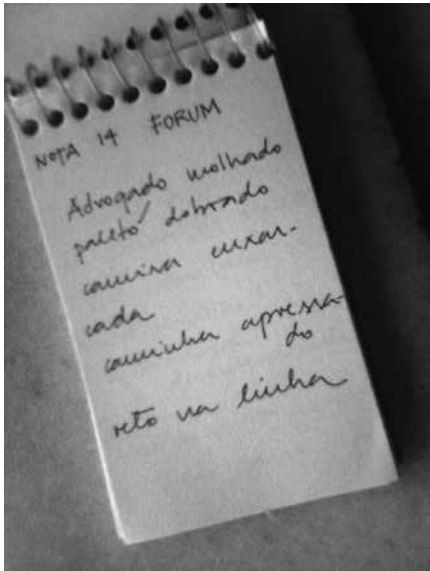
O RELÓGIO TESTEMUNHAVA NOSSA TENSÃO

Buscamos então outras descobertas sobre como “mastigar” aqueles barulhos em anotações. Alesia comenta sobre um trabalho de criação de notas de jornal, notícias inventadas, que contam histórias inesperadas entre um real e um “inreal”. Poderia ser um bom diálogo com nossas lembranças e divagações sobre o que poderia ser partilhado, pousando do Campo da Pólvora em textos de jornal, mas mesmo assim havia uma vida narrativa que sentíamos ainda não ter descoberto.

Fato é que, do processo de experienciar e de estar em duas cadeiras de praia no redemoinho do espaço público, abriram-se novas percepções e naturalmente foram surgindo maneiras de dia-

logar com a experiência. Alexandre, metódico e elogiosamente caprichoso – com a delicadeza de nunca cooptar ao seu próprio processo investigativo, pode estabelecer o que seria, posteriormente nosso “refrão”. As notas. Eram notas apoiadas no espontâneo processo de cada um de nós de registro daqueles dias, compartilhávamos a qualidade de gostar de escrever. Conseguimos juntar essas mãos de escrever e, seguindo o “refrão” de Alexandre, organizamos em notas.

Sentados na praça fomos lançados em temporalidades no Campo da Pólvora. Sentados em volta da mesa-de-decidir-quê-narrar fomos estimulados a pensar um temporalidade do Campo da Pólvora. A articulação entre este duplo sentar é ambígua, controversa, define o tempo do narrar e o tempo do narrado, mas que emaranha envolvimentos.



A melhor forma de narrar nos pareceu aquele que destacasse presença. Narrar significou nos envolver novamente, de um modo outro.

Decidimos reler o que escrevemos naqueles dias, naqueles envolvimentos. Alexandre desconhecia as anotações de Priscila, assim como para Priscila seriam surpresas as notas do Alexandre. Ouvir o envolvimento do outro nos inspirou a ficcionar sobre a voz do Campo da Pólvora: a voz dos transeuntes, a dos carros que param na sinaleira, a dos pombos insistentes, a do vendedor de guarda-chuva, a voz da chuva. Pensávamos, então, a voz enquanto ape-lo de envolvimentos. Olhos fechados, mas toda a percepção aberta à nossa voz. A voz de Priscila e a de Alexandre se encadeavam, uma atrás da outra, reconstituindo envolvimentos.

NOTAS. NOTAS NUMERADAS E NOTAS CAÓTICAS. #1234567890

As notas narradas haveriam de ser feitas. Insistimos: notas brutas. Ao mesmo tempo poéticas. Fizemos uma a uma. Aleatórias são as numerações. O resultado foi fixado num caderninho. Na apresentação, pedimos para todos que os olhos fechassem, apenas ouvissem.

Numeradas. Por que numerar notas? Uma nota para um evento. Cada nota exhibe um estranho particular de envolvimentos particulares entre pessoas e coisas particulares. Numerar significa possibilitar singularidade, mas que atravessa uma trajetória de mundos circunstanciados. A sequência conta uma história de envolvimentos, de investimentos, de possibilidades de eventos que articulados dão voz à experiência.

PALAVRA-CHAVE CHUVA

7 [regime de invisibilidade] “É quanto um banquinho desse?”. Saiu com pressa, sem sorrisos.

19 [sombriinha é cinco!] 5 coisas vendem: chuva, ponto de ônibus, voz, ponto de orelhão, china.

1 [diagonal] Chove. Os garotos brincam de bola. Um cadeirante é pego de surpresa quando a bola se aproxima. O homem devolve a bola com a mão e segue cruzando a praça (ou o campo imaginado pelos garotos).

14 [fórum] Advogado molhado/ Paletó dobrado/ Camisa encharcada/ Caminha apressado/ Reto na linha.

27 [abrigo] Esperar a chuva na banca de revista. Elas começam a olhar revistas. Curiosidade desinteressada. Vai embora quando a chuva passa.

4 [abrir espaço] -*Que que você está fazendo? - Nada. Hoje estou aqui. - É pesquisa? - Também. - Então pode me perguntar.*

18 [ventá lá] Bancos da praça completamente vazios. Pessoas sentadas na saída de ar do metrô, vazio. Guarda-chuva protegendo do sol.

15 [a profecia] Vento forte derruba o vasilhame de biscoitos. É o retorno dos pombos insistentes.

3 [quero beber água] Interação e descontração/ Circula nos carros/ 2 ruas e 1 esquina/ Um carro enguiça/ Vendedor de água grita/ Agora quero beber água.

26 [e pode?] Carro policial atravessa a praça ao meio. Corte. Braços: “Pode isso?”

3 [a chuva esconde] Gari circula imerso na materialidade da chuva. Chuva pára. Gari aparece. Alguém puxa conversa.

16 [depois disso, ela vai falar comigo] Chuva voltou/ Biscoitos, carrinhos e chita/ A moça pede o guarda-chuva emprestado/ Quando pode resolver, faz cara de que quer perguntar algo/ Silêncio com obrigada.

8 [povo besta] Hóspedes ou errantes?/ Personagens mudaram com o sol/ “Eita povo besta!” diz a mulher, muito enérgica, corpo forte, *short* curto/ Tropeçou no banquinho.

20 [musa-chuva] Vendedor guarda-chuvas desaparece junto com a chuva. Ficam os guarda-chuvas, aguardando o retorno da musa.

10 [vendedor de amendoim] Chegou. Boina, rasta, cara fechada/ Alto carisma e amendoim na brasa/ Todos querem conversar com ele/ Na chuva, vendedor de amendoim come banana. ■